

SUPLEMENTO

AMBIENTE

Crónicas do meu jardim Parte 2: Os mamíferos

Texto e fotografia | **Carlos Steinwender**
cronicasdomeujardim@sapo.pt

Alguns voam, outros correm e trepam, outros ainda vivem em túneis escavados sob os nossos pés. São raros, esquivos e tão furtivos que raramente nos apercebemos deles... mesmo quando connosco coabitam paredes meias, nos nossos jardins. São os mamíferos, criaturas nem sempre compreendidas ou apreciadas pelos seus vizinhos humanos, mas com uma surpreendente capacidade de adaptação e resistência que lhes permitiu ocupar nichos ecológicos pouco propícios e, todavia, prosperar.



ROEDORES...OS MAL-AMADOS

Os roedores, designação proveniente do latim científico *Rodentia* (do verbo *rodere*, isto é, roer) constituem uma numerosa ordem de mamíferos, quase sempre de pequena dimensão, cuja característica determinante é a dentição composta pelo inconfundível par de dentes incisivos nas arcadas dentárias superior e inferior. Na verdade, o facto de estes animais passarem a vida a roer (particularidade que parece ir de sobremaneira alguns dos seus vizinhos mais zelosos dos seus haveres, leia-se: *cidadãos humanos respeitosos e cumpridores das suas obrigações fiscais e, por isso, pouco dispostos a partilhar as suas pertenças materiais com os incisivos alheios*) deve-se não a um carácter especialmente pérfido e maquiavélico destes ani-



Figura 1. O rato-do-bosque (*Apodemus sylvaticus*) é um visitante comum dos jardins onde existe abundante cobertura vegetal.

mais, teoria que parece prevalecer entre os ditos vizinhos, mas antes à necessidade de manter os referidos dentes sob controlo já que aqueles têm uma característica aborrecida para qualquer roedor: crescem continuamente ao longo da vida (que em alguns casos pode ser surpreendentemente curta se o roedor em causa tiver a infelicidade de desgastar a dentição na mencionada propriedade alheia). Mas quando falamos de roedores nos nossos jardins domésticos, a que espécies nos referimos? A pergunta, embora aparente somente importância, é crucial na hora de ilibar algumas espécies do malfadado e frequentemente pejorativo rótulo de “roedores”. Assim, excluindo as toupeiras (*Talpa occidentalis*), os ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*) e os musaranhos-de-dentes-brancos (*Crociodura russula*), que pertencem à ordem Insetívora (do latim: *insectum*, inseto + *vorare*, comer), os morcegos-anões (*Pipistrellus pipistrellus*), que pertencem à ordem Chiroptera (do grego: χείρ, mão + πτερόν, asa), e as doninhas (*Mustela nivalis*), que pertencem à ordem Carnívora, o que resta são, então, os ratos e as ratazanas. Centremo-nos nesses seres mal-amados (ou será mal compreendidos?). Até hoje, o meu jardim tem convivido de forma relativamente pacífica com as quatro espécies de roedores que aí ocorrem: o rato-do-campo (*Microtus agrestis*), o rato-do-bosque (*Apodemus sylvaticus*), o rato-caseiro (*Mus musculus domesticus*) e a ratazana-castanha (*Rattus norvegicus*), esta última de forma esporádica. Porém, enquanto as duas primeiras espécies limitam a sua presença aos espaços exteriores, onde criam sistemas de túneis que, ora são subterrâneos, ora percorrem a erva alta, e se alimentam de sementes, bagas, rebentos, raízes e, por vezes, dos acepipes de cultura biológica que mantenho na minha horta (leia-se: *batatas, cebolas, alhos, cenouras, milho...*), o rato-caseiro e a ratazana parecem apreciar de sobremaneira os buffets de restos orgânicos que são depositados no compostor e na estrumeira da horta. É claro que, uma ou outra vez, um rato-doméstico mais temerário lá se aventura a entrar na arrecadação decidido a desgastar a dentição nos meus haveres aí guardados. O chorrilho de impropérios que estas investidas tendem a desencadear quando, uns

dias mais tarde, o proprietário (leia-se: *eu*) descobre que a piscina insuflável ostenta um orifício cirurgicamente roído, ou que o balde de brinquedos de praia está na berra como W.C. da moda entre a comunidade roedora local, não são, ainda assim, razão de sobra para desencadear uma guerra sem quartel à espécie. Primeiro, porque situações como esta são raras, depois porque a presença de roedores, apesar de indesejada quando em excesso, permite atrair toda uma panóplia de predadores (mochos e corujas, cobras-rateiras, doninhas) que deles se alimenta, controlando a sua população, enriquecendo a biodiversidade do meu jardim e enobrecendo o meu acervo fotográfico.

MAMÍFEROS PROCURAM-SE

Não é fácil atrair pequenos mamíferos a um jardim, muito menos em ambiente urbano onde as barreiras (estradas, muros, valas, etc.) impedem a sua livre circulação. Por outro lado, os mamíferos tendem a ocorrer geralmente em densidades mais baixas que outros animais urbanos, como por exemplo as aves, carecendo de espaço, alimento e tranquilidade para viverem. Estas exigências ecológicas associadas ao facto de muitos jardins se apresentarem murados ou fortemente intervencionados e quase esterilizados de vida selvagem pelo uso irracional de adubos, herbicidas e pesticidas, torna lento, senão impossível, qualquer processo de colonização mamífera. E no entanto, tendo por base o meu jardim, há pequenas ações que geram, por vezes, resultados imediatos e surpreendentemente duradouros. Por exemplo, para permitir a entrada e circulação destes pequenos seres, subi o portão de casa alguns centímetros em relação ao solo (apenas 10 cm são suficientes para permitir a circulação dos ouriços e das doninhas, por exemplo, e, no entanto, impedir a entrada de cães e gatos); abri pequenos espaços na rede (10X10cm) que veda o acesso ao terreno baldio vizinho; construí, em madeira, abrigos de hibernação para os ouriços, colocando caixas impermeabilizadas e cheias de folhas sob pilhas de lenha e ramos secos que ia amontoando num canto ensombrado e reservado do jardim; mantive áreas incul-tas com plantas nativas para atrair insetos, caracóis e lesmas e, assim, providenciar uma dispensa farta para ouriços e musaranhos; amon-

toei pedras criando espaços vazios destinados a servir de refúgio e esconderijo às doninhas; espalhei montículos de folhas e vegetação seca de modo a servir de abrigos aos mamíferos insetívoros, como o musarinho-de-dentes-brancos; e, por fim, numa tentativa de atrair morcegos, coloquei abrigos artificiais em algumas paredes exteriores e abrigadas da casa bem como nas árvores de maior porte do jardim. Apesar do convívio com os mamíferos resultar, por vezes, em alguns incómodos as vantagens superam largamente os eventuais inconvenientes. O facto de algumas espécies de mamíferos se alimentarem de insetos e invertebrados prejudiciais às hortas e jardins (veja-se o caso dos musaranhos e dos ouriços que consomem larvas de escaravelhos, lesmas e caracóis ou os morcegos que se alimentam de insetos alados, consumindo numa única noite o equivalente ao seu peso) torna-os muito úteis no controlo de pragas, o mesmo se aplicando aos poucos carnívoros que vivem discretamente nos nossos pequenos jardins e hortas, como as pequenas e irrequietas doninhas, predadores vorazes de roedores e, por isso, fundamentais no controlo das suas populações.



Figura 2. O rato-do-campo (*Microtus agrestis*) é um pequeno roedor que se alimenta de gramíneas e herbá ceas.



Figura 3. Apesar de se assemelhar a um roedor, o musaranho-de-dentes-brancos (*Crocivora russula*), que pesa apenas 15 gramas, é um insetívoro voraz.



Figura 4. As crias de ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) são curiosas e destemidas, mesmo na presença dos vizinhos humanos.

ENCONTROS IMEDIATOS

Ao longo dos anos que levo como mestre jardineiro privei com mamíferos de toda a sorte. De humores e modos variáveis, todos eram, porém, doutos na arte da sobrevivência (leia-se: *rápidos na hora de fugir dos problemas*). Com o tempo, fui colecionando memórias, umas felizes outras, bem... digamos *sui generis*, desses encontros mais ou menos imediatos com alguns habitantes esquivos do meu jardim. Lembro, por exemplo, um ouriço-cacheiro barulhento que adorava circundar, à noite, as portadas da sala bufando de satisfação de cada vez descobria um caracol ou uma lesma suculenta que depois mastigava sem modos; ou ainda uma ninhada de quatro pequenos ouriços-cacheiros (cada um com 16 000 espinhos de charme e simpatia!) que nasceu no início do verão num recanto escondido do jardim e que, a cada final de tarde, fazia as delícias da família enquanto cirandava, sem pudor, por entre pés de alface e tomateiros. Numa outra altura, uma doninha destemida fez-se inquilina no muro de pedra do jardim encantando a vizinhança (por "vizinhança" leia-se: *humanos, já que os vizinhos roedores, esses, viveram um agonizante "verão quente" à mão do apetite voraz da nova residente*) com as suas correrias estouvadas em busca de "ratinhos" incautos. Certa altura, num dos invernos mais rigorosos que vivi como jardineiro, uma colônia de morcegos-anões presenteou-me com uma estadia de vários meses, hibernando nos apertados interstícios do revestimento natural que cobre as paredes da casa e ignorando, imagine-se!, os apartamentos de luxo (leia-se: *confortáveis e sofisticados abrigos para morcegos*) que diligentemente espalhei por todo o jardim, numa evidente atitude de desplante inquilino que, não fora a minha tolerância locatária – *dum spiro, sepro* –, teria certamente feito azedar as relações interespecíficas locais. No entanto, nem todos os mamíferos necessitam de convite para se abeirarem do nosso jardim. De entre os mais atrevidos, há uma espécie, tão ubíqua quanto desconhecida, que raramente se deixa ver, mas frequentemente se faz notar quando provoca erupções descomedidas de montículos de terra fresca na superfície do solo: a toupeira! Trata-se de um pequeno mamífero insetívoro extraordinariamente bem adaptado à vida subterrânea e escavadora – o focinho é afilado com a função tátil muito desenvolvida pela presença de vibrissas sensi-

tivas; os olhos encontram-se cobertos por uma membrana de pele, os ouvidos tapados por pêlos e os membros dianteiros (as “mãos”) estão hiper-desenvolvidos para funcionarem como pás... escavadoras. A minha relação com as toupeiras é, no mínimo, ambígua. O meu lado naturalista estima-as enquanto hino à ardilosa capacidade da Natureza em se recriar ao longo do processo evolutivo, ocupando todos os nichos ecológicos disponíveis, incluindo o subsolo do meu jardim, já a minha faceta jardineira, conquanto menos vincada, não deixa de se arreliar de sobremaneira (por “arreliar de sobremaneira”, leia-se: *encolerizar, maldizer e vociferar toda a sorte de injúrias altamente ofensivas ao bom nome da mãe da toupeira*), de cada vez que, num belo dia de primavera, acorda e constata que uns meros 50 gramas de gente (leia-se: *de toupeira*) têm nas mãos (literalmente!) a capacidade de obliterar numa noite todo um canteiro de viçosas e mimadas flores, ou largos metros quadrados de relvado (perdão, ervado) com colossais erupções de terra na tradição do Vesúvio siciliano. Bem sei que as toupeiras, no seu infundável processo de construção de galerias, além de oxigenar o solo consomem pequenos

animais prejudiciais a muitas plantas de cultivo, todavia é o facto de desenraizarem as plantas e lhes deslocarem as raízes durante esse processo que as torna tão mal vistas pela generalidade das pessoas. Ainda assim, porque *aquila non captat muscas*, acabo sempre (quase sempre!) por me acalmar e deixar a natureza seguir o seu curso, que é como quem diz, esperar que um qualquer predador que regularmente visita o meu jardim faça o seu trabalho e me ajude a manter o equilíbrio desejado. E até agora, toupeiras à parte, não me tenho saído nada mal!



Figura 5. As toupeiras (*Talpa occidentalis*) são seres esquivos de hábitos subterrâneos que raramente se deixam ver à luz do dia.



Figura 6. Pormenor de um membro anterior (“mão”) de uma toupeira perfeitamente adaptado à função escavadora.